

ENTRE AS RUÍNAS DO TEMPO: WALTER BENJAMIN E SIGMUND FREUD

Alessandra Affortunati Martins Parente

RESUMO

O artigo trabalha a ideia freudiana de *Nachträglichkeit*, resgatada recentemente pelo psicanalista francês Jacques André, e a aproxima da visão benjaminiana de história. Tanto a leitura de Freud, feita por André, como a de Walter Benjamin subvertem a linearidade positivista do tempo e destacam o trauma – ou choque – como possibilidade de promover um curto-circuito na lógica temporal que prepondera no discurso oficial da história ou no conteúdo manifesto da vida anímica.

Palavras-chave: Freud. *Nachträglich*. Trauma. Walter Benjamin. Materialismo-dialético.

BETWEEN THE RUINS OF TIME: WALTER BENJAMIN AND FREUD

ABSTRACT

The article works with Freud's idea of Nachträglichkeit, recently rescued by the French psychoanalyst Jacques André, and approaches it with Benjaminian vision of history. The interpretation of Freud, made by André, as well the Walter Benjamin's perspective subvert the positivist linearity of time and highlight the trauma - or shock – as a possibility to promote a short circuit in the temporal logic which prevails in the official discourse of history or in the content manifesto of psychic life.

Key-words: Freud. *Nachträglich*. Trauma. Walter Benjamin. Dialectical Materialism.

Entre as ruínas do tempo: Walter Benjamin e Sigmund Freud

Aqueles que se debruçam sobre a obra de Freud e simultaneamente se dedicam ao estudo de Walter Benjamin quase sempre tropeçam em férteis analogias. Uma delas é a temporalidade, examinada em seus desdobramentos anímicos pelo psicanalista, e sócio-históricos pelo filósofo. Na leitura das teses benjaminianas *Sobre o conceito de história* e da *Interpretação dos sonhos* de Freud, o encontro entre esses pensadores torna-se muito nítido. Um exemplo elementar de tal aproximação está na tese III do texto de Benjamin, que afirma:

O cronista que narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história. Certamente, só à humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza. Isso quer dizer: só à humanidade redimida o seu passado tornou-se citável em cada um dos seus instantes. [...]¹.

Não é difícil ler parte dessa passagem com os óculos da metapsicologia freudiana. Ao transpor o terreno sócio-histórico, ao qual Benjamin se dedica, para as tramas do aparelho psíquico, analisadas por Freud, íntimas coincidências afloram. No primeiro capítulo da *Interpretação dos sonhos*, Freud, citando Scholz, escreve: “nada que tenhamos possuído mentalmente uma vez pode se perder inteiramente”². E lembrando ainda Delboeuf, diz: “[...] qualquer impressão, mesmo a mais insignificante, deixa um traço inalterável, indefinidamente passível de voltar à luz”³.

Ora, é clara a relação entre a primeira parte do texto de Benjamin, acima transcrita, e as citações feitas por Freud. Para ampliar a interface aqui estabelecida, basta agora analisarmos o que está em jogo na parte subsequente da tese benjaminiana citada. Sendo a lógica do discurso que alimenta a história muito próxima daquela que enreda a memória psíquica, não é difícil pensar que a ideia de redimir a parte oprimida pela versão oficial da história equivale a ideia de trazer à luz os conteúdos rechaçados pelo processo de recalque do aparelho psíquico.

Examinar tal aproximação exige um resgate do conceito freudiano de *nachträglich*, negligenciado durante anos, até Jacques Lacan (1953) recuperar sua força, trazendo algo relevante para o centro da metapsicologia: a especificidade do

¹ BENJAMIN. *Sobre o conceito da história*, p. 54.

² FREUD. *A interpretação dos sonhos*, p. 57.

³ *Idem, ibidem*.

tempo no interior da psicanálise. A dimensão temporal na psicanálise não é um tema entre outros. Se o aparelho psíquico é um aparelho de memória, formado por impressões mnemônicas e pela força inexorável do infantil atemporal, não é possível desviar da matéria, sem que isso acarrete em procedimentos clínicos duvidosos. Além desse fator de ordem prática, não podemos esquecer que um dos maiores ataques sofridos por ela se deve ao fato de ser considerada determinista. Vários filósofos existencialistas, defensores irredutíveis da liberdade, rejeitaram proposições freudianas, comparando-as a raciocínios da ciência positivista e da filosofia moderna, que têm na causalidade e na linearidade progressiva do tempo a raiz de seus fundamentos. Sabemos que o determinismo psíquico é inegável na metapsicologia. A maneira pela qual tal determinismo se estabelece nela, porém, é questão que exige aproximação minuciosa. E mesmo entre os que tentaram retomar o conceito de *Nachträglichkeit*, como Strachey e Laplanche, não conseguiram se desvencilhar por completo do pensamento tradicional, no qual a temporalidade é representada de forma linear. Enquanto o primeiro traduz o vocábulo alemão para *deferred action*, sugerindo uma resignificação do passado no presente, Laplanche e Pontalis pecam ao manterem esse raciocínio, apenas ampliando-o para o sentido inverso, isto é, o presente sendo iluminado pelo passado.

O termo, vertido para outras línguas, perde o sentido exato encontrado no alemão, trazendo tanto novidades como problemas. Se a expressão inglesa *deferred action* e a *a posteriori* do latim atenuam a força do *nachträglich*, que literalmente significa *trazido-depois*, o *après-coup* concede novo colorido ao vocábulo alemão. Laplanche explora a expressão francesa, que, traduzida literalmente para o português, significa *depois-do-golpe*, remetendo à ideia de trauma e algo que ocorre após seu acontecimento.

Seguindo a perspicácia de Laplanche, na aproximação entre o termo *golpe* e a noção freudiana de *trauma*, André vai longe em suas explorações sobre a *Nachträglichkeit*. O trauma ocorre em dois tempos: seguindo a ordem cronológica, o tempo 2 ocorre antes e se refere às marcas do recalque originário e o tempo 1 é o do *après-coup*. Tal inversão não se deve a uma manobra intelectual feita arbitrariamente por Jacques André, resultando antes do rastreamento da matéria temporal que impregna a estrutura psíquica. Esta só organiza temporalmente as

impressões mnemônicas a partir do segundo momento, isto é, só é possível conceber qualquer evento em uma ordem temporal após o golpe ou o tempo 1, que inaugura a dimensão histórica do aparato psíquico. Para que haja história subjetiva, um *antes* e *depois*, capaz de romper o *continuum* ininterrupto da repetição compulsiva, é necessário que haja o *golpe*. Ele é a condição de possibilidade para que haja reorganização psíquica. Em outras palavras, sem a incidência do trauma não existe o tempo como representação.

Esses dois tempos do trauma estão presentes na obra freudiana desde o seu *Projeto de uma psicologia*, no qual apresenta um fragmento do caso Emma e sua experiência na confeitaria. Impedida de entrar em lojas *sozinha* já na vida adulta, Emma procura explicações para tal barreira em uma lembrança de seus doze anos. Nessa época, entrou num armazém para comprar qualquer coisa e viu dois *vendedores* rindo juntos. Assustada, correu, deduzindo que ambos riam de suas roupas. Além disso, lembrou-se de que um deles a atraía sexualmente. Tal justificativa, encontrada para esclarecer seu sintoma, é nitidamente pouco plausível. Decorridos tantos anos, por que ainda haveria de sentir tamanho bloqueio diante de lojas? Já havia deixado de se vestir como garotinha há tempos e o fato de estar *sozinha* ou acompanhada nem mesmo se encaixa com o restante de sua argumentação. Fica claro que sua tentativa de elucidar as razões pelas quais seu sintoma teria emergido não convence. Novas investigações e uma nova lembrança: por volta dos oito anos de idade esteve por duas vezes em uma confeitaria a fim de comprar guloseimas. Na primeira vez, o *proprietário* tocou seus genitais por cima da roupa. Apesar dessa experiência, retornou ao local e, em seguida, parou de ir lá. O pensamento de que voltou ao lugar continuou a perturbá-la mesmo passados anos e anos desde o incidente. Sua culpa se conecta com o fato de ter regressado ao estabelecimento, o que, em sua visão, denotaria que ela teria provocado a investida. Freud conclui que seu estado oprimido e culpado deriva dessa experiência, antes recalçada.

A Cena I (vendedores) é sobreposta à Cena II (proprietário da confeitaria), sendo o *riso* o elo que as conecta – ambas as situações traziam esse elemento. Foi o *riso do vendedor* que a remeteu ao *riso do proprietário* e com esse fio a trama deslocada pôde ser reconstituída. O fato de *estar sozinho* nas duas situações

separadas no tempo também as ligava. Segundo Freud, essa reminiscência despertou uma *liberação sexual* para a qual ela ainda não estava preparada na época e esta se transformou em angústia. Ao concluir sua apresentação do caso, Freud assim se expressa: “[...] Por toda parte, descobre-se que é reprimida uma recordação que apenas *posteriormente (nachträglich)* se tornou um trauma”⁴.

Essa ideia dos dois tempos é cara a Benjamin. Como um sonho que se esvai, um ato falho não notado ou um deslize remediado, “a verdadeira imagem do passado passa célere e furtiva”⁵. Por isso, “é somente como imagem que lampeja justamente no instante de sua recognoscibilidade, para nunca mais ser vista, que o passado tem de ser capturado”⁶. Ou seja, é também no cruzamento entre dois momentos do tempo que Benjamin examina as bases da história.

Essa citação da tese V de *Sobre o conceito de história* pode ser melhor esclarecida quando se recorre ao prefácio de *Origem do Drama Barroco Alemão*. Explicando que a categoria “origem” é histórica, Benjamin a desvincula da ideia de “gênese”, que teria no horizonte o processo de devir de algo que nasceu. No caso do termo “origem” estamos antes diante de um fluxo contínuo cuja força centrípeta arrasta o material produzido até mesmo no processo de “gênese”. Sua dança restaura e reconstitui ruínas do passado, sem deixar de ser um processo sempre incompleto e inacabado. No fenômeno originário estão refletidas as determinações da imagem que figuram uma ideia permanentemente colidida com relances da história. A unicidade assim como a repetição fazem parte da dialética originária, em que o essencial se mescla ao circunstancial. Nesse movimento, aquilo que é próprio da “origem” nunca é perceptível no plano manifesto. Por isso, Benjamin afirma que “cabe ao filósofo estabelecer as conexões entre as essências” que se manifestam inalteradas mesmo que entrelaçadas ao mundo passageiro dos fatos.

Nas teses sobre história, o viés marxista é nítido e essa fórmula encontrada no *Drama Barroco* ganha novos ares. É inclusive pertinente pensar que o conteúdo manifesto, no qual a origem não se encontra, é a história oficial ou aquela contada pelos vencedores. Por tal razão, a lição deixada por Benjamin é a de escovar a

⁴ FREUD. (1895) “Entwurf einer Psychologie” In: O. F. Gabbi Jr., **Notas a projeto de uma psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 229.

⁵ BENJAMIN. (1940) “Sobre o conceito de história” In: M. Löwy: **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. (J. M. Gagnebin, trad.) São Paulo: Boitempo, 2005, p. 62.

⁶ *Idem, ibidem*.

história à contrapelo, rastreando o conteúdo latente que está soterrado pelas grandes obras da cultura. É aí que Benjamin atribui ao verdadeiro materialista-dialético a tarefa de capturar lances efêmeros do passado que afloram nas tessituras no presente. O ato de redenção ocorre nesse instante que quase se esvai, mas que antes de partir suplica pela sua salvação da cadeia opressora de tempos remotos. É com esse gesto de resgatar fragmentos do passado na atualidade que Benjamin articula sua filosofia da história, buscando a origem de novas versões para o discurso oficial.

Para o filósofo, essa faísca do passado, que emerge do atrito com algum acontecimento que sobrevém no agora (*Jetztzeit*) nasce de um choque. Ao discutir a noção de choque em *Sobres alguns temas em Baudelaire*, Benjamin cita o texto *Além do principio do prazer* de Freud. Lembrando que os traços mnemônicos são o pavimento a partir do qual se sustentam todas as teias da memória, Benjamin enfatiza a ideia de proteção do aparelho psíquico, exposta pela metáfora freudiana da vesícula viva. Com a construção dessa imagem fictícia, Freud expõe o caráter conservador do aparelho psíquico, que tende a se manter alheio aos estímulos que invariavelmente incidem sobre ele. Tais estímulos provêm tanto de fora como do interior do organismo, mas a camada protetora é capaz de desviar apenas daqueles à acometerem do exterior. É com o respaldo dessa ideia freudiana que Walter Benjamin pensa no homem das cidades modernas. Antro propenso a promover incessantes choques, as cidades reduzem o espírito moderno a uma espécie de grande escudo contra os agulhões ameaçadores, capazes de esfacelar por completo o frágil tecido da alma.

A visão de Walter Benjamin sobre os choques é ambígua. Se o choque restringe o homem moderno a se encapsular a fim de aplacar a força de seu abalo, também permite uma alteração decisiva no curso vazio e homogêneo da história. É o que fica claro na tese XVII:

Ao pensar pertence não só o movimento dos pensamentos, mas também sua imobilização. Onde o pensamento se detém repentinamente numa constelação saturada de tensões, ele confere à mesma um choque através do qual ele se cristaliza como mônoda. O materialismo histórico se acerca de um objeto histórico único e exclusivamente quando este se apresenta a ele como uma mônoda. Nessa estrutura ele reconhece o signo de uma

imobilização messiânica do acontecer, em outras palavras, de uma chance revolucionária na luta a favor do passado oprimido.⁷

Ao apropriar-se da ideia leibniziana de mônada, Walter Benjamin concede-lhe uma dimensão dialética, que cria o paradoxo de uma imagem em movimento. São as contradições das substâncias simples que espelham confusamente cada detalhe do universo. Lembremos que, para Leibniz, como fulgurações contínuas da divindade, cada mônada depende de uma espécie de emanção de Deus, análoga aos nossos pensamentos.

Só as almas são exceção a essa regra. Leibniz as distingue das mônadas devido à percepção, que é diferente por estar provida de memória, mas sobretudo em função dos atos reflexivos. A percepção implica na concatenação do presente com o passado e o futuro, indicando a continuidade linear do tempo na filosofia de Leibniz. Entretanto, são os atos reflexivos, cujos parâmetros seguem a lógica clássica, a serem subvertidos dialeticamente pelas mãos de Benjamin. Embora tanto para ele, como para Leibniz cada partícula contenha parcialmente o todo turvamente espelhado, a consistência da matéria desses corpúsculos é distinta nos dois filósofos. Impermeável, a mônada de Leibniz é sustentada pela Vontade permanente de Deus. Já a mônada benjaminiana é suscetível aos choques que fazem uma espécie de curto-circuito na ordem em que a temporalidade se apóia. A versão benjaminiana da mônada explode o decurso repetitivo da história e paralisa as contradições que revelam a verdade reluzente entre as névoas das contingências. Se é para aludir substâncias simples, a mônada de Benjamin está mais próxima da vesícula viva freudiana, que sendo constitutivamente dual, está impregnada de contradições e ambivalências. Sem êxito, esse organismo pretende evitar traumas, mantendo-se alheio ao mundo. Contudo, revela-se inextricavelmente permeável a ele e suscetível aos seus efeitos.

É nesse ponto que interessa analisar a distinção entre os conceitos benjaminianos de experiência e vivência, tratados de forma mais precisa em *O narrador* e *Experiência e pobreza*. Isso porque o conceito de vivência remete à noção de trauma ou, pela nomenclatura de Walter Benjamin, de choque. Em *O narrador*, o autor demonstra como a experiência é própria do homem que embarca

⁷ BENJAMIN. (1940) "Sobre o conceito de história" In: M. Löwy: **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. (J. M. Gagnebin, trad.) São Paulo: Boitempo, 2005, p. 130.

em suas longas viagens e volta para relatar suas aventuras à comunidade que o espera. Pescadores ou caçadores que passam dias fora, e retornam para narrar suas peripécias, são exemplos de narradores. Dispondo de toda a atenção, dão vida ao enredo de suas aventuras conforme o entrelaçam. Há períodos propícios para mergulhar em experiências longe de casa, e há outros em que as façanhas são costuradas perante os ouvintes, que ansiavam ouvir a voz da sabedoria. Na existência guiada pelas regras da tradição, passado, presente e futuro caminham de forma circular. A sutileza do novo emerge fugaz apenas nas tintas da imaginação dos que projetam, nas palavras do viajante, seus corpos protagonizando um futuro similar. No ritmo das histórias tramadas, um toque de invenção também pode ser acrescentado, sem que isso perturbe o ciclo esperado das coisas.

No caso da vivência, estamos no cenário das cidades modernas. Ao andar nas ruas, o homem moderno se vê repentinamente assaltado por inúmeros estímulos dos quais se protege psiquicamente. Em contraste com o pescador, o exemplo maior desse modelo é o soldado de guerra, que não volta de suas viagens enriquecido de experiências, mas, ao contrário, retorna mais pobre após os massacres que viveu. Ele não consegue narrar nada do que viu e experimentou, procurando antes esquecer e recalcar os terrores a que se viu confrontado. Logo, enquanto a experiência é a urdidura da memória, tecida diante da comunidade atenta, a vivência tem o caráter de compelir os homens a acirram suas defesas psíquicas diante da insistência das lembranças.

Retomemos cautelosamente alguns aspectos da leitura que Jacques André empreende da psicanálise freudiana antes de prosseguir com essas analogias. Diferentemente da leitura ingênua que se faz do trauma, que o compreende apenas como resultado de um estímulo muito intenso capaz de invadir brutalmente a malha psíquica previamente inscrita, esfacelando-a e inundando-a de um *quantum* de energia excessivo, Jacques André sublinha a inclusão do tempo 1 nessa composição traumática. A novidade trazida por Jacques André ainda não é essa já que, como vimos, essa sobreposição de tempos existe desde Freud. O fator inédito trazido pelo autor é que o tempo 1 do trauma é o tempo da transferência. É o que fica claro no seguinte trecho: “Escolher abordar “o *après-coup* no tratamento” não é, portanto, um simples acessório, já que a situação transferencial, por ser inter-

psíquica e analítica, oferece a dupla potencialidade do trauma *in praesentia* e de sua possível significação”⁸.

Freud obviamente não foi alheio a isso. Sabemos que ele reconheceu a força do tempo 1 como uma *força atual* na transferência – *acting out* – pelo menos desde o caso *Dora* (1905). Entretanto, ao introduzi-la em suas explicações, adota a perspectiva de que a transferência é *reprodução* de um passado. Ou seja, atores de uma peça cujo roteiro foi remotamente escrito, paciente e analista representam cenas distantes no tempo e no espaço. Ao revigorar predominantemente as texturas concentradas no passado, a perspectiva freudiana atenua a densidade própria do presente.

Esse aspecto se torna nítido num dos textos clássicos sobre o tema, escrito em 1912. Em *A dinâmica da transferência*, Freud procura elucidar o que está em jogo entre os protagonistas do quadro analítico. Lembrando que para cada sujeito foi arquitetado “um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica”⁹ ou foram formados clichês estereotípicos constantemente repetidos que o impedem de driblar inventivamente experiências recentes, condenadas a serem reinscritas nos antigos padrões, Freud destaca o vetor reprodutivo da transferência – o analista é uma figura rapidamente cooptada pelas categorias previamente existentes.

Nessa visão, as forças do inconsciente abdicam daquilo que se apresenta na situação real e se armam diante do analista, fazendo suas exigências infantis. Este deve convencê-lo a retomar parte de sua capacidade intelectual e colocar rédeas nos impulsos emocionais a fim de que possa dar continuidade ao tratamento. Sabemos, porém, que tal apelo ao “nexo do tratamento” e a submissão dos impulsos à “consideração intelectual” não são simples.

Em um de seus últimos textos, Freud volta a falar dos impasses da transferência e dos entraves encontrados no tratamento psicanalítico. *Análise terminável, interminável*, trata da etiologia das neuroses e dos procedimentos adotados nas análises para responder às questões que elas suscitam. Instintos excessivamente intensos ou traumas precoces, em razão dos recursos ainda precários do ego, são os principais motivos desencadeadores das doenças

⁸ ANDRÉ. “O acontecimento e a temporalidade: o après-coup no tratamento” In: *Revista Ide*, v.31 n.47, São Paulo, dezembro de 2008, p. 143.

⁹ FREUD. (1912) *A dinâmica da transferência*, p. 111.

psíquicas. Entre essas duas causas das neuroses, Freud é claro ao afirmar que os traumas são as que melhor reagem à psicanálise.

Mas de que forma o trauma seria analisável? Freud responde a esta questão, averiguando antes as barreiras encontradas pela psicanálise no restabelecimento de pacientes que a ela se submeteram. Ilustra a insistência da doença após o fim do tratamento com um caso de uma moça que pôde, em pouco de tempo de análise, resgatar sua capacidade de participar da vida, mesmo quando esta se apresentou extremamente adversa. Teve de lidar com crises financeiras na família e aos poucos sua sorte no amor também se mostrou frustrada. Bravamente resistiu a essa série de eventos, se tornando ainda uma figura importante no seio familiar por prover suporte aos parentes em momentos difíceis. Muitos anos após o término de sua análise, porém, hemorragias profusas a obrigaram a submeter-se a um exame ginecológico. Um mioma foi detectado e ela teve que realizar uma histerectomia completa. Nessas circunstâncias, a mulher tornou a ficar doente. Assaltada por fantasias de teor masoquista, envolvendo seu cirurgião, por quem se apaixonou, se viu novamente impossibilitada de seguir sua vida. Resistiu a retomar a análise e permaneceu doente até o fim de seus dias. As ponderações feitas por Freud sobre este caso são comuns. Supõe que “a segunda moléstia da paciente pode ter-se originado da mesma fonte que a primeira, que fora superada com êxito”, isto é, “pode ter sido uma manifestação diferente dos mesmos impulsos reprimidos, que só incompletamente solucionara [na análise]”¹⁰. Há, porém, uma observação rápida, que merece ser ressaltada. Diz Freud: “estou inclinado a pensar que, não fosse pelo novo trauma, não teria havido nova irrupção da neurose”¹¹, ou seja, se essa pessoa não tivesse tido tal mioma, seus sintomas psíquicos não teriam eclodido. Essa pequena observação deixa claro que há um aspecto importante na composição do trauma e, por conseguinte, na doença psíquica: o *acaso*.

Essa observação feita por Freud prova que o tempo 1 do trauma é fruto das regras imponderáveis do destino, que também podem ser engendradas na transferência. Fica claro, após esse recorte específico da obra de Freud, que a transferência, ora vista como irrupção pulsional, que ata o analista, ora vista como

¹⁰ FREUD. (1912) *A dinâmica da transferência*, p. 238.

¹¹ *Idem, ibidem*.

artifício usado para que as sombras do passado sejam capturadas e trabalhadas no presente, deriva da *sorte* ou é *forjada* pelo enquadre.

Como vimos, Jacques André segue a argumentação freudiana, sublinhando de modo enfático que o segundo momento cronológico (tempo 1), tão violento quanto o primeiro (tempo 2) na composição traumática, é o que dá consistência à própria transferência. Ao enredar-se irremediavelmente ao tempo 2, o tempo 1 traz em seu bojo (trazido-depois) toda a violência inerente ao passado, sem, por isso, deixar de ter relação material com o presente. Ou seja, é verdade que o tempo 1 transporta elementos remotos para cenas recentes, porém, é igualmente verdade que tais cenas carregam uma densidade própria. São os detalhes atrelados ao analista e ao enquadre oferecido por este que podem dar ensejo ao golpe do *après-coup*. Qualquer partícula de uma sessão pode deter o curso linear do tempo para ressuscitar, à maneira do que Proust compreendeu como *memória involuntária*, o que antes era apenas tempo 2, amornecido pela repetição enclausurante de um ciclo pantanoso.

É significativa a contribuição que pode ser dada pela obra de Marcel Proust nesse ponto específico deste trabalho. Na obra *Em busca do tempo perdido*, torna-se evidente que o tempo remoto não pode ser acessado por mecanismos voluntários da consciência, sendo evocado apenas pelo encontro casual com alguma matéria ou algum objeto atual que guarda certa reminiscência. Se algo que remeta a um tempo morto não aparece no presente, só resta a resignação perante o esquecimento ou a morte do que sucedeu. Não são os francos esforços da inteligência aqueles a provocar a emersão da memória, que depende, para Proust, de circunstâncias absolutamente imprevisíveis e incontroláveis da vida.

Caminho diferente é tomado na obra de Baudelaire. Se Proust se isola para reproduzir suas experiências artificialmente, tomando os rumos da filosofia de Bergson, que segundo Walter Benjamin, “rejeita qualquer determinação histórica” até se tornar alheio à “experiência inóspita, ofuscante da época da industrialização em grande escala”¹² e perante a qual os olhos se fecham, Baudelaire faz dos sustos incessantes, provocados pelo seu tempo, a matéria principal de sua obra. No âmago de seus poemas estão precisamente os choques contra os quais se alça com

¹² BENJAMIN. (1939) “Sobre alguns temas em Baudelaire”. (J. M. Barbosa, H. A. Batista, trad.) In: W. Benjamin, **Obras escolhidas III**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997, p. 105.

espada em riste. Como um grito, cada um de seus poemas é resultado dos desvios permanentes contra os golpes do presente. Tal desvio não se dá, porém, por meio do isolamento, como ocorre com Proust. Baudelaire ergue sua pena nas lacunas do frenesi cotidiano das cidades, mas esses intervalos não são de maneira alguma vazios. No corpo dessas interrupções ainda resta um sopro impregnado da matéria que circunda o cotidiano das cidades modernas.

Walter Benjamin questiona a resignação proustiana ao destino, sugerindo que deveríamos construir possibilidades para encontrar o ponto de cruzamento entre o passado e o instante atual. Isto porque, em Benjamin, a memória involuntária ganha uma conotação política, visando explodir a continuidade do discurso oficial. Benjamin propõe a imersão em instantes efêmeros atuais para despertar a atenção aos estilhaços varridos pelo curso da história oficial e restaurá-los no presente. Neste ponto é que finalmente nos aproximamos verdadeiramente do processo psicanalítico. A regra básica da psicanálise pode ser justamente um meio de provocar a emergência desses acasos, invariavelmente conectados a conteúdos transferências.

Aqui vemos ser necessária uma sensibilização para que estes aspectos abandonados pela consciência como dejetos, sejam experimentados ou até mesmo percebidos. Servindo como artifício para tal empreendimento, os detalhes da relação transferencial são tomados como fragmentos atuais que têm consistência análoga a de outros tempos e espaços. Freud também está à caça dos estilhaços da memória ao propor a associação livre, como se torna visível no seguinte trecho da *Interpretação dos sonhos*:

Ao adormecermos, surgem “representações involuntárias”, graças ao relaxamento de certa atividade deliberada (e, sem dúvida também crítica) a que permitimos influenciar o curso de nossas representações enquanto estamos acordados. À medida que emergem, as representações involuntárias transformam-se em imagens visuais e acústicas. No estado utilizado para a análise dos sonhos e das idéias patológicas, o paciente, de forma intencional e deliberada, abandona essa atividade e emprega a energia psíquica assim poupada (ou parte dela) para acompanhar com atenção os pensamentos involuntários que então emergem, e que - e nisso a situação difere da situação do adormecimento - retêm o caráter de representações. *Dessa forma, as representações “involuntárias” são transformadas em “voluntárias”*.¹³

¹³ FREUD. *A interpretação dos sonhos*, p. 136-7.

Quando, porém, certas defesas se armam diante das representações involuntárias, estas se tornam restos do dia que alimentam os sonhos da noite. É certo que muitas vezes os caminhos das pulsões assumem caráter repetitivo, como bem ilustra Freud e sua imagem clássica do carretel. Entretanto, desvios imprevisíveis dessa força demoníaca das pulsões podem transformar um mero carretel, ainda preso à velha imagem da mãe, num espantoso Odradek, figura kafkaniana lembrada por Benjamin em *Rua de mão única*. Esse insólito objeto, também reconhecido como uma espécie de carretel, percorre caminhos imprevisíveis. Ele se esconde entre cantos e vãos da escada, sai misteriosamente e sem que se saiba seu destino, para só depois voltar. Com esse rápido paralelo é possível apenas insinuar uma conclusão: se é verdade que para mudar o curso da história é preciso reconhecer semelhanças que conectam diferentes tempos e espaços, é também verdade ser necessário desemaranhar os aprisionantes fios que se repetem para que a estranheza do movimento de um carretel seja entrevista nas tramas do familiar.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, J. “O acontecimento e a temporalidade: o après-coup no tratamento” In: **Revista Ide**, v.31 n.47, São Paulo, dezembro de 2008 p. 139-167.
- BENJAMIN, W. (1925) **Origem do drama trágico alemão** (J. Barrento, trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____ (1932-8) “A caixa de costura” (R. R. Torres Filho, trad.). In: W. Benjamin, **Obras escolhidas II**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- _____ (1933) “Experiência e pobreza”. (S. P. Rouanet, trad.) In: W. Benjamin, **Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- _____ (1936) “O narrador”. (S. P. Rouanet, trad.) In: W. Benjamin, **Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- _____ (1939) “Sobre alguns temas em Baudelaire”. (J. M. Barbosa, H. A. Batista, trad.) In: W. Benjamin, **Obras escolhidas III**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- _____ (1940) “Sobre o conceito de história” In: M. Löwy: **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. (J. M. Gagnebin, trad.) São Paulo: Boitempo, 2005.
- FREUD, S. (1996) **Obras completas brasileiras**. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1900) “A interpretação dos sonhos”, v. I e II, p. 15-721.
- _____ (1912) “A dinâmica da transferência”, v. XII, p. 111-122.
- _____ (1920) “Além do princípio do prazer”, v. XVIII, p. 17-78.
- _____ (1937) “Análise terminável e interminável”, v. XXIII, p. 231-274.
- _____ (1895) “Entwurf einer Psychologie” In: O. F. Gabbi Jr., **Notas a projeto de uma psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- LAPLANCHE, J. **El après-coup. Problemáticas VI**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.
- LEIBNIZ, G. W. (1714) “Os princípios da filosofia ou A monadologia” In: **Discurso de metafísica e outros textos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.